

Germana Henriques Pereira de Sousa
Alice Maria de Araújo Ferreira
Sabine Gorovitz

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO



EDITORA

UnB

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

**ENSAIOS DE TEORIA E
PRÁTICA DE TRADUÇÃO**



Fundação Universidade de Brasília

Reitor Ivan Marques de Toledo Camargo
Vice-Reitora Sônia Nair Bão

EDITORA



UnB

Diretora Ana Maria Fernandes

Conselho Editorial Ana Maria Fernandes – Pres .
Ana Valéria Machado Mendonça
Eduardo Tadeu Vieira
Fernando Jorge Rodrigues Neves
Francisco Claudio Sampaio de Menezes
Marcus Mota
Neide Aparecida Gomes
Peter Bakuzis
Sylvia Ficher
Wilson Trajano Filho
Wivian Weller

LOQUUNTUR
TOBOPITB
S
PARLAKD
ERBLAR
SIARAD
K
ANGANGGO
SPRECHEN
DANIŞMAQ
KA3ALIB
PAGSULTI
PRAAT

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO

KO
SNACAR
BERBICAR
UAP
MIR
R



Equipe Editorial

Gerência de produção editorial

Marcus Polo Rocha Duarte

Revisão

Beth Nardelli e Fernanda Gomes (Njobs Comunicação)

Capa e diagramação

Inara Vieira e Daniela Rodrigues (Njobs Comunicação)

Supervisão gráfica

Elmano Rodrigues Pinheiro e Luiz A. R. Ribeiro

Copyright © 2013 by

Editora Universidade de Brasília

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,

2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Fax (61) 3035-4230

Site: www.editora.unb.br

E mail: contato@editora.unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Sumário

Capítulo 1 - Espanhol, uma língua homogênea?17

Alba Escalante

- 1.1 Sobre a unidade e diversidade: um discurso sustentado em políticas linguísticas22
- 1.2 Unidade/diversidade: algumas vozes24
- 1.3 O que fazer ante o desencontro?28

Capítulo 2 - Ensino de Tradução Jurídica33

Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Capítulo 3 - Existem dicionários de tudo e o tradutor sabe disso!?!?55

Alice Maria de Araújo Ferreira

- 3.1 O dicionário metáfora de um mundo fragmentado!.....58
- 3.2 Tudo entra na forma dicionário, por isso, existem dicionários de tudo!60
- 3.3 Agora, falando sério! Os dicionários bilíngues e/ou interlinguísticos.....68
- 3.4 Para concluir o inacabado...71

Capítulo 4 - Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos no ensino da tradução.....73

Ana Helena Rossi

- 4.1 Diário de tradução: ferramenta para refletir sobre o processo de tradução76

Capítulo 5 - As relações perigosas na tradução.....91

Germana H. P. de Sousa

- 5.1 Les *liaisons dangereuses*, a obra e sua recepção na França 94
- 5.2 A análise de Rónai sobre as traduções feitas no Brasil.....105

5.3 Considerações finais.....	113
Anexos.....	116
Capítulo 6 - A “tradução transparente” como sensibilização à intercompreensão das línguas românicas	117
<i>Jean-Claude Miroir</i>	
6.1 A tradução transparente	119
6.2 A intercompreensão entre as línguas românicas: português – francês	127
6.3 A aquisição do léxico como processo de tradução transparente	132
6.4 Considerações finais.....	136
Capítulo 7 - Ensino de tradução: algumas reflexões sobre a prática de tradução no par espanhol-português	141
<i>Júlio Cesar Neves Monteiro</i>	
Capítulo 8 - Os dilemas do tradutor jurídico diante do texto que se detona	153
<i>Mark Ridd</i>	
Capítulo 9 - Projeto final de curso de tradução.....	169
<i>Sabine Gorovitz</i>	
9.1 O pré-traduzir	172
9.2 O traduzir	181
9.3 O pós-traduzir	188
9.4 A questão formal do trabalho acadêmico.....	191
9.5 Considerações finais.....	197
Referências	198
Capítulo 10 - Tradução intersemiótica: uma prática possível e eficaz nos cursos de tradução	199
<i>Prof. Dr^a. Soraya Ferreira Alves</i>	

O Projeto final de curso de tradução

Sabine Gorovitz

No contexto acadêmico, o projeto final de curso de tradução é o trabalho que encerra o percurso do aluno. Por isso, reúne os diferentes desafios encontrados ao longo do curso, tanto práticos quanto teóricos. Trata-se de uma tradução mais abrangente e de longo prazo (o projeto é produzido em um ou dois semestres) em que, pela primeira vez, o aluno escolhe seu texto e sua supervisão de acordo com as afinidades e preferências que ele finalmente identifica depois de haver transitado por diversas tipologias e gêneros textuais.

Como se trata de um texto completo e não de trechos ou parágrafos extraídos de um texto maior, o aluno enfrenta o texto que ele escolheu traduzir como uma totalidade; suas decisões serão, portanto, aplicadas de forma coerente durante toda a sua tradução.

O trabalho de projeto final, que vincula de forma explícita reflexão teórica e prática da tradução, deve ser previamente organizado e articulado de acordo com critérios a serem definidos no início do trabalho, antes de iniciar a tradução, e a serem aplicados durante todo seu ato tradutório.

O presente artigo objetiva elencar as principais etapas desse trabalho maior, evidenciando as dificuldades gerais que uma iniciativa desse porte pressupõe. Além disso, apresenta algumas tentativas de sistematização no intuito de instrumentalizar o graduando na construção de uma metodologia de tradução e pesquisa.

9.1 O pré-traduzir

9.1.1 A escolha do texto

Como foi colocado anteriormente, em seu trabalho de projeto final o aluno é levado, pela primeira vez, a escolher o texto que ele irá traduzir. Tal escolha deve ser justificada, pois representa seu primeiro desafio, em que ele se depara com a necessidade de definir seu domínio de predileção em termos de prática de tradução: *por que quero traduzir esse texto?*

Se para alguns alunos essa definição se impõe como uma evidência, para outros ela pressupõe uma avaliação de todo o percurso acadêmico: *o que eu gosto de fato de traduzir?* Para responder a essa pergunta, não basta observar em que tipologia textual o aluno se saiu melhor em sua prática de tradução. De fato, muitos se sobressaem em áreas que não são obrigatoriamente aquelas com as quais têm mais afinidade. Além disso, na maioria dos casos, os alunos são seduzidos por diversos aspectos do ato tradutório: pesquisa terminológica, reflexão teórica voltada para a tradução de textos literários, abordagem comparada dos sistemas jurídicos, o mundo das imagens, para citar apenas alguns exemplos.

Cada gênero textual e seus diversos desafios em termos de tradução possuem seus encantos. Ademais, muitas vezes, a escolha é fruto do acaso: atender a uma solicitação (da família, de um professor, de um amigo etc.) pode ser o fator determinante da eleição do texto a ser traduzido. Outro fator que parece prevalecer é o fato de traduzir um texto que ainda não foi traduzido para o português, ou seja, o fator funcional da escolha (prestar um serviço à comunidade).

Não há receitas para fazer uma escolha *acertada*. O que deve nortear essa definição é a clareza do que cada tradução implica em termos de desafios. Para tanto, o aluno deve ter clareza em relação ao trabalho que está por trás da sua escolha.

Optar por um texto literário, por exemplo, significa convocar sensibilidades e competências diversas em torno de um texto que irá abranger uma multiplicidade de gêneros, estilos e registros próprios à literariedade. Uma das singularidades do texto literário é a relevância do estilo e da forma que comparecem como o próprio conteúdo. Assim sendo, no ato da tradução prevalece a identificação e interpretação de marcas estilísticas como componente essencial do significado. Embora, por oposição, o próprio conteúdo da tradução não literária consista em estabelecer estratégias de construção de equivalências terminológicas e semânticas, de forma a alcançar a maior *proximidade* linguística possível em relação ao texto de partida, a tradução de texto literário também almeja uma equivalência que não se limita à aproximação linguística: a conotação, o efeito estético e tantas outras variáveis estilísticas são fatores essenciais a serem levados em conta nesse processo tradutório.

Na prática da tradução literária, o aluno irá, portanto, usar sua sensibilidade e criatividade no intuito de produzir efeitos similares ao da obra de partida: a compensação, por exemplo, é uma dessas estratégias de obtenção de equivalência. Assim, ao traduzir um poema rimado, o tradutor pode compensar a ausência ou a dificuldade em obter as mesmas rimas na língua de chegada por meio de aliterações e assonâncias que criam uma musicalidade nova.

Além disso, ao criar um vínculo entre dois contextos culturais (o da obra literária de partida e o da obra de chegada), a tradução tem implicações tanto literárias (estilísticas, linguísticas, históricas, socioculturais etc.) quanto ideológicas.

Essa opção pela tradução literária pressupõe também que o aluno estabeleça, de forma permanente, uma relação estreita entre escrita criativa e tradução: desenvolver o seu próprio estilo, encontrar soluções inovadoras, fazer do seu imaginário e de sua subjetividade os protagonistas do ato tradutório

talvez seja um dos maiores desafios para o recém-tradutor. A criatividade individual pressupõe um nível de autoconfiança que somente se consolida com a clareza em relação aos limites não apenas da interpretação (para citar ECO, 2004) mas da própria tradução. Essa intuição dificilmente será ensinada; contudo, pode ser guiada e fundamentada na atenta leitura e análise do texto original. Aqui se depreende a essencial complementaridade interdisciplinar entre o ensino e a aprendizagem da tradução literária e o ensino e a aprendizagem das diversas literaturas, culturas, estilísticas e retóricas. Qualquer programa de tradução literária em um nível superior implica a capacidade prévia e/ou simultânea de analisar e avaliar um texto, de modo que seja possível proceder com eficiência à sua transposição para outra língua.

O que deve nortear o trabalho de tradução literária é definir e identificar padrões estéticos e descobrir algo aparentemente implícito no texto para alcançar na recriação aquilo que tanto marca o texto de partida: os traços a serem hierarquizados referem-se tanto à musicalidade, ao ritmo e às representações quanto às construções sintáticas e semânticas, que dão forma à literariedade do texto de partida.

Outra especificidade do processo de tradução literária são as múltiplas escolhas que decorrem da ambiguidade que caracteriza os textos literários, que leva muitas vezes o tradutor a optar pela simplificação, restringindo a pluralidade semântica do termo ou do trecho.

Portanto, é esse trabalho preparatório de reconhecimento e de avaliação dos recursos estilísticos que norteará a tomada de decisões: eleger aquilo que se deseja preservar ou comprometer, no intuito de construir um sistema subjetivo de equivalência e de simetria entre o texto de partida e a tradução.

De fato, a tradução é fruto da resolução de uma tensão, até poder-se-ia dizer do equilíbrio instável entre duas ações

aparentemente simples: reter na língua de chegada algo de peculiar da língua de partida, criando estranhamento e hibridismo, e naturalizar, ou seja, apagar os rastros da língua de partida, que se desfaz e é substituída por outra.

Embora sejam essas as posturas teóricas vigentes, os conceitos de estética literária variam de acordo com os fatores contextuais que determinam uma obra ou um conjunto de obras. Cada texto remete às suas próprias normas de leitura e de interpretação, e, portanto, de tradução. Por isso, o tradutor inaugura permanentemente estratégias baseadas na compreensão precisa e na interpretação eficiente das singularidades do texto. Essa competência vem tanto da intuição quanto de uma abordagem racional e de um conhecimento profundo dos sistemas literários.

O texto técnico: a primeira etapa é a da familiarização do tradutor com a área de que trata o texto (o que não implica um conhecimento profundo dos domínios com os quais o tradutor trabalha). De fato, o desafio não é apenas identificar uma tradução adequada para determinado termo a partir de dicionários bilíngues ou de glossários que circulam na internet: o tradutor deve criar um sistema de equivalência a partir de uma pesquisa terminológica detalhada, embasada em um entendimento das peculiaridades de cada comunidade linguística em relação à área em questão.

Mas o fundamental é saber onde e como encontrar as respostas às suas dúvidas e as informações pertinentes relativas a cada questão abordada pelo texto de partida. Isso significa saber pesquisar na internet e na literatura disponível, manter um diálogo com um profissional da área e dominar a tipologia específica dos textos da área.

Antes da tradução, é essencial elencar os termos inusitados e pesquisar esses termos nos dois idiomas, embora somente se alcance uma equivalência dos termos técnicos no decorrer da tradução, pois a construção desse sistema de equivalência

específico depende da tradução de outros termos e de uma apreensão global e progressiva no texto.

Embora se trate de um texto técnico, o tradutor irá enfrentar um desafio estilístico. De fato, o texto técnico tem como função principal informar, mas isso não significa que não possua estilo. Portanto a tradução solicita também a criatividade e a utilização dos recursos linguísticos em toda sua riqueza para tornar o texto, além de fluente, específico, conciso, coeso, coerente e objetivo.

Texto jurídico: como definir os traços que fazem do texto jurídico um caso particular? Parte-se do pressuposto de que a função do texto constitui sua característica, seja ela comunicativa, informativa, conativa, imperativa etc. Para muitos linguistas, a função referencial seria a função predominante da linguagem humana; todas as outras seriam apenas uma consequência do contexto ou do destino do texto, seja ele traduzido ou não. Se circunscrevermos o texto jurídico essencialmente à lei e ao contrato, fica claro que o texto exerce essencialmente uma função de regulação: são logo taxados de textos imperativos ou normativos. Mas, para tanto, a redação jurídica se instrumentaliza com os mais variados recursos linguísticos, do mais narrativo ao mais técnico, passando pelo descritivo, prescritivo etc. Seja como for, a unidade de base em tradução é o próprio texto e não sua terminologia. Embora obedeça a uma estrutura particular, é preciso ultrapassar a vinculação do texto jurídico à sua função exclusivamente normativa.

Além disso, a tradução deve valer-se da comparação de dois sistemas para chegar ao que se poderia chamar de equivalentes funcionais entre termos, frases, ideias e textos. De fato, são os efeitos jurídicos que importam. Como os sistemas jurídicos diferem quanto a seus efeitos, apesar dos esforços de harmonização dos direitos nacionais e, conseqüentemente, dos bancos terminológicos, é necessário ter um entendimento global de cada um deles, de suas semelhanças e assimetrias. Além disso,

o bom senso e a inspiração do tradutor acabam guiando as decisões, contanto que sejam coerentes e pertinentes e capazes de servir à função do texto.

Textos sensíveis: a tradução é uma empreitada delicada. Para além das transferências linguísticas e culturais que se produz, existe um conjunto de fatores a serem levados em consideração, entre os quais a história do texto, seu impacto na vida espiritual e social dos indivíduos ou dos povos, sua influência sobre a produção cultural em várias áreas do saber e do sentir e as eventuais traduções anteriores que exerceram um papel na definição das expectativas e das reações.

Como em toda tradução, embora a tentativa seja sempre a de preservar um grau de similaridade entre duas *entidades*, em que uma é derivada da outra, efetua-se inevitavelmente um deslocamento, uma transferência. Trata-se de um processo particular de linguagem que pressupõe uma relação, e mais, uma teia complexa de relações. Nessa passagem, o desafio é definir um regime de equivalência entre os fenômenos e entidades, em que a própria natureza dessa relação está em jogo. De fato, o sentido não é estável. Ele é o resultado de um percurso interpretativo que ocorre em determinado contexto sociocultural e histórico e se constrói a partir das experiências coletivas e individuais de cada leitor ou grupo de leitores, os horizontes compartilhados por grupos de receptores. Nessa perspectiva, peculiarmente no que concerne aos textos sensíveis, o objetivo fundamental é chegar a um texto capaz de respeitar os efeitos que o texto de partida desencadeou sobre os leitores. Isso implica uma estratégia de adaptação tanto linguística quanto cultural e uma pesquisa minuciosa das características desse público e de suas reações frente ao texto.

O *status* dos textos sensíveis faz toda a dificuldade de sua tradução: embora seu objetivo seja promover o seu acesso e a divulgação a um público que não domina a língua de determinado culto, esses textos são objetos de crenças e, portanto, de interdições

e normas. Existe logo uma grande desconfiança em relação às traduções produzidas. De fato, as escolhas que um leitor efetua em sua tradução revelam inevitavelmente um ponto de vista, uma ideologia. Embora as escolhas possam ser sistematizadas e aplicadas de uma forma global, há sempre por trás de toda produção discursiva mecanismos inconscientes em ação.

Textos atípicos: muitos alunos em seu final de percurso optam por traduzir um texto cujo gênero não se insere em uma categoria tradicional, como publicidades, roteiros, legendas de filmes, histórias em quadrinhos, músicas etc. Nesse caso, um dos desafios é inaugurar uma fundamentação teórica, pois essas subcategorias foram pouco estudadas e conceituadas. Na maioria das vezes, faz-se necessário criar pontes entre ferramentas teóricas oriundas de outras áreas e demonstrar criatividade.

9.1.2 A investigação aprofundada do contexto de publicação e da autoria

Uma vez determinada a escolha, é preciso preparar a tradução. Essa preparação pressupõe uma investigação profunda do contexto de publicação ou de surgimento do texto de partida, que abrange elementos e fatores de toda ordem.

O autor do texto, caso seja nomeado – o que não é o caso em textos de lei ou ainda em textos fundamentalmente técnicos (manuais, bulas de remédio, receitas etc.) – deve ser entendido em seu contexto de produção: a época em que ele escreveu, o seu local de fala, o seu público-alvo, o sistema literário em que ele se inscreve etc. Toda época e todo espaço são definidos por uma série de fatores (históricos, sociais, políticos, econômicos, suas relações com outros tempos, outros espaços etc.).

O texto, nessa perspectiva, também deve ser avaliado à luz dessas delimitações. Diversas questões norteiam então essa análise: qual a função do texto nesse contexto determinado?

Onde ele foi publicado? Com que outros textos ele dialoga? Qual a repercussão em sua comunidade leitora?

Essas informações situam a obra a ser traduzida, e é a partir dessa delimitação que se podem identificar marcas e traços pertencentes a esse contexto. Somente então é possível avaliar se essas particularidades são transferíveis para o novo contexto de produção. De fato, todo ato de fala se inscreve em uma comunidade interpretativa com seus padrões e seus hábitos de recepção, suas normas muitas vezes altamente prescritíveis.

O público-alvo é o terceiro protagonista da trilogia: situar quem é ou quem foi o leitor do texto de partida é uma condição para se interpretar o papel do texto e suas características formais. Um estudo da recepção se faz, portanto, necessário para avaliar a relação existente entre as prerrogativas do texto e o horizonte de expectativas que ele suscita.

9.1.3 A caracterização do texto

Uma criteriosa análise anterior possibilita delimitar o foco da avaliação, ou seja, o texto em si e suas características formais: partindo de sua inserção temporal e espacial (do cotexto), é possível determinar com mais acuidade sua tipologia e hierarquizar suas marcas. A pergunta é: “o que, de fato, caracteriza o texto levando em conta seu contexto de produção e de recepção?”. Além disso, existe nessa delimitação formal a questão do estilo do texto e do estilo do autor. Partindo das marcas linguísticas que o leitor reconhece enquanto determinações do texto (léxico, formas morfosintáticas, multimodalidade, construção textual, lógica interna do texto etc.), o tradutor poderá tomar suas decisões iniciais.

Por fim, é preciso proceder a uma investigação, análise e crítica das eventuais traduções já existentes: descobrir se o próprio texto foi traduzido para a língua em que o aluno deseja lê-lo; se existem traduções desse texto para outras línguas; se textos da

mesma autoria foram traduzidos; e ainda se existem textos afins, da mesma área, escritos na língua de chegada. Esse arcabouço textual facilitará bastante as definições terminológicas, teóricas, estilísticas, funcionais e o entendimento da recepção.

9.1.4 Definição dos objetivos do texto traduzido e do seu público-alvo

Uma das questões fundamentais para se iniciar uma tradução é definir qual a função do texto traduzido, seus objetivos principais e a quem ele se dirige preferencialmente: de fato, o contexto de inserção do texto de partida nunca é o mesmo do texto traduzido. Ainda que os objetivos permaneçam similares, a tradução pressupõe sempre uma adaptação: efetua-se uma passagem de um tempo para outro, de um espaço para outro, de um local de fala para outro, de um leitor para outro etc.

A tradução de um texto de amplo alcance e de vulgarização científica pode se tornar um artigo a ser publicado em uma revista especializada visando a um público reduzido de peritos, ou vice-versa; um texto literário inserido em uma coletânea pode vir a ser publicado para atender às necessidades de um currículo escolar; um texto jurídico nacional que normatiza determinado domínio da vida humana de uma comunidade pode ser apenas objeto de consulta em outro país; um roteiro cinematográfico que coordena a produção de um filme (direcionado para um leitor específico na figura do diretor) pode também ser traduzido para atender a novas prerrogativas, como ser inserido na internet e se tornar um objeto de leitura para um público mais amplo etc.

Existe sempre uma readequação e uma atualização que solicitam, da parte do tradutor, seu bom senso e sua criatividade de modo a alcançar os novos alvos e o novo papel ao qual o texto traduzido irá se prestar.

9.2 O traduzir

9.2.1 As delimitações iniciais: público-alvo, objetivos e função do texto de chegada e seu contexto de inserção

Ao iniciar sua tradução, o tradutor deve ter plena consciência dos fatores em jogo na inserção funcional do texto que ele irá produzir. Espaço, tempo, função, público-alvo etc. são variáveis determinantes para a tomada de decisão ao longo do ato tradutório.

O tradutor deve situar-se e situar seu texto de acordo com elementos definidos: quem é meu leitor preferencial? Em que meio e em que veículo meu texto será publicado? Com que objetivo? Quando? O que está em jogo? etc.

Além disso, como já foi mencionado anteriormente, o tradutor provoca sempre um deslocamento: ele transporta o texto para outra esfera e essa passagem tem consequências. Ao mudar de leitor, o texto também muda de estatuto e seu impacto nunca será o mesmo.

De fato, cada comunidade compartilha um conjunto de valores fundamentais (o certo e o errado, o adequado e o inadequado, o admissível e o inadmissível, o aceitável e o censurável etc.). Essas normas, de acordo com Gideon Toury (1995), produzem dicotomias que caracterizam os comportamentos e as representações em um determinado tempo e espaço, ou em uma determinada situação de interação, e se manifestam em relações e sistemas de regulamentação muito rígidos.

O tradutor, quando traduz, coloca em contato dois sistemas linguísticos e dois sistemas culturais, ou seja, dois sistemas de normas e representações, em que há sempre uma tensão. No processo de tradução, todas as decisões são orientadas por essas normas que determinam padrões e regularidades textuais dos quais não se pode fugir.

Isso se impõe ao tradutor tanto de forma preliminar quanto ao longo do processo tradutório. Para tanto, o tradutor recorre a uma série de estratégias e de fontes extratextuais que compõem sua bagagem literária, seu horizonte de expectativas. A diferença em relação ao leitor monolíngue é que ele projeta um duplo olhar, para frente (o texto que ele produz) e para trás (o texto que ele interpreta). Nesse embate, sua atitude é sempre contrastiva e mediadora. É preciso encontrar um caminho de apaziguamento, chegar a um acordo que resultará na tradução.

O tradutor, no entanto, tem acesso a uma série de índices que podem facilitar seu trabalho de definição e de delimitação; são os chamados *paratextos* (GENETTE, 1982): os títulos, subtítulos, epígrafes, dedicatórias, prólogos, prefácios, posfácios, advertências, notas prévias, nome de autor e de tradutor (ou a ausência de um ou de outro ou de ambos), capas, contracapas, orelhas, introduções, notas editoriais, notas de rodapé, ilustrações, notas do tradutor, notas finais, apêndices, anexos, publicidade, informações bibliográficas e legais, ou quaisquer outros sinais que acompanham fisicamente o texto e mantêm com ele uma relação direta ou indireta.

9.2.2 As marcas do texto

Existem diversos índices de caracterização textual: como vimos, toda leitura é guiada pelo contexto, pela situação textual (ele pode se valer de uma certa autonomia ou ser extraído de um conjunto maior, como um jornal, uma revista, um arquivo, uma coletânea de contos ou de poemas etc.), pela situação de comunicação, pelo emissor, pelo destinatário (suas intenções, seus conhecimentos, suas expectativas: quem escreve? Para quem? Para quê? E como isso se manifesta? Onde e quando?).

O conteúdo: as informações presentes no texto, os personagens, os eventos, os fatos, os locais, os tempos etc. constituem aquilo que se poderia considerar como matéria-prima do texto.

O gênero textual: ele está organizado em referência a um ou vários modelos e paradigmas. São as características que permitem delimitar a sua tipologia, ou seja, seu tipo de escrita que funciona em determinada comunidade e seguindo determinados parâmetros.

A superestrutura do texto: a organização espacial e lógica dos blocos de ideias se manifesta sob a forma (relação entre as frases e entre os parágrafos, coerência interna do texto, coesão etc.). Trata-se da sua dinâmica interna, sua lógica funcional, (cronológica, narrativa, descritiva etc.).

Além disso, cada frase é construída em referência a regras lexicais (escolha dos termos), morfológicas (variações de gênero, número, tempo etc.) e sintáticas (estrutura da frase e relação entre os sintagmas que a compõem). Trata-se da linguística textual, que determina tanto a escolha da enunciação (marcas de pessoa, de sistema temporal, de referências espaciais etc.), os encadeamentos, o papel dos modalizadores (advérbios, conectivos), o campo semântico e sua progressão por meio do léxico, o que a pontuação traduz etc.

Faz-se necessário, portanto, identificar os índices e traços linguísticos que particularizam o funcionamento do texto e que são sempre significativos: marcas de relação (principais concordâncias e relações pessoas/terminações verbais), determinantes (os termos mais carregados de significação, a significação da pontuação), as sílabas, os sons e sua relação, os casamentos e as combinações, os diversos elementos não verbais, como a paginação, as ilustrações e a interação dos elementos verbais e não verbais.

9.2.3 As etapas da tradução: entre a língua de partida e a língua de chegada

Todo tradutor cria paulatinamente sua própria metodologia de tradução. Essas estratégias são variáveis de acordo com a natureza do trabalho e do texto. Mas existe sempre uma desconstrução singular no momento da tradução em que o texto

deixa de estar em uma língua e ainda não chegou até a outra (uma interlíngua). A expressão se encontra em determinado momento a meio caminho entre uma e outra língua, como se a tradução, enquanto processo paulatino de metamorfose, tivesse cristalizado naquele momento elementos da língua de partida na própria língua de chegada, ou como se algo de uma tivesse se instalado na outra. Toda sabedoria do tradutor se manifesta então na capacidade de desconfigurar esses rastros e reconstruir um texto outro em uma língua outra.

A tradução cria uma ponte não somente entre duas mensagens, mas entre dois pensamentos. Nessa reconstrução, a passagem de uma língua para outra pressupõe perdas e ganhos. Esse mecanismo mental que consiste em nomear uma realidade por meio dos constituintes de outra inaugura um vínculo entre dois modos de comunicar, um vínculo dialógico entre duas línguas, dois meios de expressão, dois imaginários e duas culturas sempre assimétricas. Portanto, ao traduzir, o tradutor aproxima duas ou mais culturas, fazendo emergir a diferença por meio das múltiplas interferências linguísticas e culturais inerentes à sua atividade.

Concretamente, a busca de equivalentes e de correspondentes coloca o tradutor em situação de negociação: um *estica e puxa* em que se deve chegar a um ponto de equilíbrio. O mais difícil é saber em que momento parar: encontrar a distância pertinente entre uma língua e outra mediante a acomodação aos significados inaugurais carregados pela língua de chegada. Frente às diferentes conotações induzidas pelas divergências socioculturais de comunidades linguísticas distintas, ocorre a migração das ideias em que a carga cultural da língua de partida se sobrepõe à da língua de chegada. É nesse hibridismo que reside o ato tradutório: saber mesclar e sobrepor sem ficar entre as duas mensagens, entre as duas línguas, embora o próprio da tradução seja de conservar traços de um *antes* e de um *depois*.

Cada tradução exige um grau maior ou menor de familiaridade com seu leitor. Essa é uma decisão consciente que deve se aplicar de forma coerente à totalidade do texto. Há sempre uma infinidade de maneiras de se traduzir um texto. De fato, o ato do tradutor se situa sempre em determinado ponto de um eixo delimitado por dois polos – a atitude do *sourcier* (voltado para o texto de partida) e a do *cibliste* (MESCHONNIC, 1999) (voltado para o alvo da leitura). Enquanto a postura do *sourcier* toma o partido da língua fonte, tentando preservar, dentro da língua de chegada, as suas peculiaridades, a atitude do *cibliste* toma o partido inverso, tentando produzir um texto naturalizado que apaga a língua de partida e, com isso, os rastros da tradução.

No primeiro caso, a tradução colore o texto com notas híbridas, cria um estranhamento que tira seu leitor do lugar ao gerar um movimento que desestabiliza o sistema da língua; por oposição, o outro produz uma língua familiar e sem desvios. Nenhum tradutor assume fundamentalmente uma ou outra postura: essa decisão muda com as variações próprias a cada texto e a cada objetivo textual.

9.2.4 As ferramentas de consultas

Diversas são as ferramentas de consultas às quais se tem acesso. Além de poder consultar e basear-se no trabalho concluído e disponibilizado pelo terminólogo (dicionários, repertórios, vocabulários, glossários etc., impressos ou virtuais), o tradutor pode efetuar sua própria pesquisa, direcionando-a peculiarmente. É preciso ter em mente que quanto mais especializada for a área do texto, menos os repertórios disponíveis serão úteis. Além disso, eles cristalizam elementos linguísticos extremamente fluidos e cuja atualização é praticamente diária.

A familiarização com o assunto tratado pelo texto é um pré-requisito que antecede a busca por unidades lexicais. Embora

o tradutor se dote paulatinamente de uma bagagem técnica geral, a cada tradução ele se aprofunda sincronicamente em um determinado campo semântico.

A pesquisa terminológica se efetua tanto como etapa preparatória de uma tradução quanto ao longo do processo tradutório, e pode se prosseguir uma vez concluída a tradução, tendo como resultado um repertório referente ao texto e incluído ao final como instrumento de auxílio à leitura.

Trata-se de uma pesquisa pontual de termos, de denominações de conceitos e objetos. De acordo com Galisson e Coste (1976, p. 559), é “o conjunto dos termos que remetem aos conceitos ou objetos aferentes a uma determinada área de conhecimento ou de atividade humana”.¹ Poder-se-ia inferir que esse processo particulariza preferencialmente o trabalho de tradução técnica. Mas se constata que, até mesmo nas obras mais ficcionais da literatura, o processo de pesquisa terminológica é incontornável. De fato, toda obra literária conta uma história que, ainda que totalmente inventada, ocorre em determinado contexto, o qual, por mais imaginário que seja, continua sendo um arranjo de elementos e objetos existentes no mundo real. Ela descreve realidades, o que exige do tradutor uma busca terminológica (a exemplo de traduções de textos extremamente marcados temporal ou espacialmente, como *Grandes Sertões Veredas* (ROSA, 2001) ou *Macunaíma* (ANDRADE, 1928), citando apenas esses exemplos). De fato, a pesquisa terminológica é um procedimento que se inscreve intrinsecamente e se subordina ao ato tradutório de textos de toda natureza.

Para efetuar esse trabalho, o tradutor tem hoje à disposição recursos extremamente acessíveis e ricos, capazes de fornecer resultados em tempos mínimos e a baixo custo. Aquilo que outrora se resolvia por meio de contatos telefônicos repetidos, de deslocamentos

¹ “ensemble des termes qui renvoient aux concepts ou objets afférents à un domaine particulier de connaissance ou d’activité humaine” (tradução nossa).

sistemáticos (bibliotecas especializadas, locais de trabalho de especialistas etc.), hoje se resolve em frente do computador.

Existem diversos *softwares*, de acesso gratuito ou não, para executar a busca e tratamento terminológicos: Sphinx, System Quirk, Chamblom Terminology Extractor, TermStar etc. No próprio departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da UnB, o Professor René Strehler confeccionou o RepLET (STREHLER; GOROVITZ, 2011).

9.2.5 A interdependência entre a prática e a teoria

Um dos maiores desafios do projeto final é explicitar o vínculo entre a prática da tradução de determinado texto e os conceitos aos quais essa prática remete. Essa ponte se torna mais óbvia à medida que a tradução avança. De fato, por trás de toda prática existem decisões que remetem a conceitos mais ou menos definidos na mente daquele que traduz.

As teorias constituem um ponto de referência inelutável no trabalho do tradutor. A questão é entender como se produz essa passagem entre a prática e a explicitação dos conceitos que essa mesma prática pressupõe. Trata-se de interrogar os fundamentos do ato tradutório de determinada obra ou texto e suas referências teóricas. O ato da tradução afina a compreensão ainda superficial do processo signifiante que antecede a mensagem. De acordo com Antoine Berman (1995), a observação de componentes tradutórios intertextuais, conotativos, metalinguísticos etc. é o objeto da crítica das traduções: em outras palavras, traduzir representa um ato em que se pode acompanhar a conclusão de um processo semântico; ele revela seus rastros ou pelo menos seu ponto de partida. Pode-se, nesse ato, apreender o sistema de reformulação e de repetição, esclarecendo tanto o texto de partida quanto o de chegada e o próprio processo que se deflagra entre os dois.

A postura do traduzir sem entender, pautada pela intuição

e pelos atos inconscientes, deve dar lugar a uma abordagem combinada de prática e teoria. É preciso analisar a própria prática sobre os textos e sua recepção, pois o atuar bilíngue se manifesta nas profundezas de cada idioma. O traduzir revela sobreposições, explícita e esclarece pontos obscuros da produção linguística.

Por mais complexo que seja o ato tradutório, a teorização é sempre possível. Nessa tentativa, depara-se com as divergências entre as posições dominantes que podem parecer inconciliáveis, inclusive porque o próprio conceito de teoria diverge de um pensador para outro. Seja como for, é preciso sistematizar os fatos para prevê-los e controlá-los. No momento em que ele busca uma adequação na tomada de decisões, o tradutor evidencia o vínculo existente entre a teoria e a prática (seja ela decorrente da teoria linguística, hermenêutica, sociolinguística, cognitiva, funcionalista, desconstrutivista etc.). Ele traduz teorizando uma relação de texto a texto. O maior desafio é conseguir identificar qual a questão mais premente. Qual o desafio maior de determinada tradução? Quais as questões em jogo? Como abordá-las? Que tipo de atitude frente ao texto? O que está em jogo?

9.3 O pós-traduzir

9.3.1 A revisão e a análise crítica do trabalho realizado: o relatório de tradução

Uma vez concluída a tradução, inicia-se o trabalho de releitura e de crítica do texto que dela resultou. A revisão é uma tarefa de avaliação que necessita um distanciamento impossível durante o processo tradutório.

Além disso, toda tradução implica uma crítica. Ao reavaliar suas decisões à luz da totalidade do texto, o tradutor se depara com uma série de inconsistências e impertinências a serem

corrigidas para se obter um resultado coerente. Pela releitura é possível reconhecer e avaliar a pertinência das relações semânticas e formais que foram estabelecidas entre os dois textos (sentido, polissemia, estilo, estética, intensidade, ritmo, movimento etc.).

No confronto analítico e comparativo do texto de partida e da tradução produzida, efetua-se uma leitura de conciliação por meio de uma abordagem contrastiva global e microestrutural, inventariando e relatando os nós que foram desfeitos para chegar a um nível de semelhança tanto formal quanto semântico. Ao fazer isso, o aluno irá explicitar o seu próprio processo de tradução, seu percurso individual, suas estratégias de acordo com aquilo que foi julgado adequado e pertinente em função de critérios que também devem ser explicitados nessa análise: ao evidenciar os fatores que ele elegeu como determinantes, o tradutor esclarece os princípios e conceitos que nortearam suas decisões de forma a justificar suas escolhas e torná-las um ato consciente e ajuizado. É uma maneira de dar consistência a sua tarefa e de provar que o resultado não é apenas fruto do acaso e da intuição, mas sim, um trabalho racional e motivado por critérios previamente estabelecidos e defensáveis. Dessa forma, quando a tradução for objeto de análise (e inevitavelmente de crítica), o tradutor terá em mãos um arcabouço argumentativo capaz de contrariar as acusações mais ferrenhas e justificar as soluções que ele propôs. É preciso também sempre manter uma postura comparativa, em que as opções de tradução são permanentemente relacionadas às peculiaridades do texto de partida, para não serem rotuladas de arbitrárias e subjetivas.

Esse trabalho, *a posteriori*, dará lugar a um relatório de tradução que funciona como um caderno de bordo. Obviamente, esse diário é produzido paralelamente à tradução, à medida que surgem os desafios, sejam eles estilísticos, terminológicos, normativos, culturais etc.

9.3.2 A criação de um repertório

Os termos que apareceram no decorrer do processo tradutório são elencados em um repertório, eventualmente com suas devidas traduções/definições/explicações.

O trabalho de pesquisa terminológica, tanto aquele que antecedeu a tradução como o que acompanhou o seu processo, deve resultar em um repertório bilíngue que tem diversas funções: se por um lado ele é o relato e o resultado do trabalho de busca lexical, por outro, ele alimenta o banco de dados terminológico que todo tradutor deve implementar ao longo de sua prática.² Existem diversos tipos de repertórios, de acordo com a necessidade de explicitação dos termos que caracterizam o texto traduzido e de acordo com aquilo que se pretende fazer com esse material.³

O glossário: existem pelo menos quatro tipos de repertórios chamados glossário; o primeiro modelo de glossário foi herdado da Idade Média, quando se agrupavam as glosas para formar um glossário (unidades lexicais raras ou desconhecidas). Outra maneira de elaborar glossários é dar, para cada unidade lexical da nomenclatura, apenas um ou dois exemplos do seu contexto de uso. Ao contrário da versão precedente, esse tipo de glossário informa também a categoria gramatical de cada entrada. O terceiro modelo de glossário caracteriza-se essencialmente pela presença da definição da unidade lexical ou terminológica tratada. Seus artigos contêm remissivas e, eventualmente, um contexto de uso do termo. O último modelo de glossário é bastante semelhante ao primeiro. A diferença é que ele não se limita a termos raros.

2 Hoje o tradutor pode contar com ferramentas extremamente eficientes: são as memórias de tradução constituídas com o auxílio de softwares como *Word Fast*, *Déjà Vu*, *Sword Fish*, *Trados* etc.

3 Definições extraídas do *Manual do RepLET acompanhado de elementos de lexicologia e de terminologia* a ser publicado por René G. Strehler e Sabine Gorovitz (Brasília: Editora Thesaurus).

O léxico: a princípio, o léxico constitui uma simples lista de unidades lexicais ou terminológicas de determinada área. Cada termo é acompanhado de seu equivalente em outra(s) língua(s), e eventualmente de uma definição. Esse tipo de repertório auxilia particularmente o trabalho dos tradutores. Provavelmente por influência do inglês, esses tipos de repertórios também são chamados de *glossário*.

O vocabulário: trata-se de um repertório referente a determinada área do conhecimento ou a uma atividade específica. Deve apresentar as definições das unidades terminológicas tratadas e, eventualmente, a categoria gramatical a qual pertence. O vocabulário pode ser mono-, bi- ou plurilíngue.

9.4 A questão formal do trabalho acadêmico

Como todo trabalho acadêmico, o projeto final deve respeitar uma forma e contemplar elementos que explicitem a maneira como cada aluno construiu seu processo racional.

A estrutura do projeto, embora deva obedecer aos padrões do trabalho acadêmico, será estabelecida em concordância com o orientador. Geralmente, ele deve conter:

- Uma introdução, que constitui a apresentação do texto, além de justificar a escolha do aluno, delimitar os objetivos do trabalho, a metodologia que ele construiu para dar conta da tradução. Essa introdução deve contextualizar tanto o texto de partida e sua autoria quanto o texto traduzido.
- Uma parte teórica e uma revisão de leitura ou relatório: essas duas partes podem ser imbricadas uma na outra ou serem explicitadas de forma separada.
- O texto traduzido.
- Considerações finais.
- Bibliografia.

- Glossário (opcional).
- Anexos (opcional).
- Outros (opcional).
- Texto fonte (separadamente).

9.4.1 Recomendações formais⁴

Para a formatação do texto, recomenda-se Times New Roman, tamanho 12 com espaçamento 1,5. A paginação deve ser feita no canto superior direito das folhas, a contagem começando na *introdução*.

As seções principais do projeto devem ser iniciadas em nova página.

Citações longas (mais de três linhas) e notas de rodapé devem ser digitadas em espaço entrelinha simples (fonte 10).

As referências devem ser recuadas 2 tabs, digitadas em tamanho 11, espaço entrelinha simples, com entrelinha simples separando-as.

A capa deve conter os seguintes itens centralizados:

- Nome da instituição.
- Nome do instituto.
- Nome do curso.
- Título do projeto.
- Tipo de projeto.
- Nome do autor.
- Nome do orientador.
- Data: mês e ano.

A dedicatória é apresentada no canto inferior direito da página.

Agradecimento (opcional) no canto inferior direito da página.

⁴ A compilação de normas aqui apresentada foi extraída do *Manual de apresentação do Projeto Final de Tradução* elaborado pela Professora Cynthia Ann Bell dos Santos (Org.) em 2009 e acessível na página web a ser consultada: <http://www.let.unb.br/bellsantos/documentos/Projeto_trad_manual.pdf>.

Epígrafe (opcional) no canto inferior direito da página.
Sumário

9.4.2 Citações bibliográficas e outras normas

Citação no texto: para que o leitor possa localizar a referência correta, o autor deve usar a referência simplificada, que inclui sobrenome, ano e página.

Citação indireta: ao usar qualquer ideia de outro autor, mesmo reconstruída (citação indireta), deve-se fazer referência a ele. Por exemplo: De acordo com Berman (1995, p. 20) ... Os autores (PAGANO; MAGALHÃES; ALVES, 2000, p. 25) descobriram ...

Citação direta curta: a citação direta até três linhas deve ser indicada entre aspas dentro do texto, “sem alterar-se o tamanho da fonte nem destacá-la com negrito, itálico ou sublinhado” (RAUBER; SOARES; FÁVERO et al., 2002, p. 51).

Citação direta longa: a citação longa (mais do que três linhas) deve ser digitada em espaço entrelinha simples, com fonte 11, recuada da margem esquerda 4 tabs, sem aspas, separado dos textos anteriores e posteriores com espaço entrelinha duplo. Por exemplo:

Na citação indireta o pesquisador faz uma paráfrase, ou seja, apresenta apenas as idéias do texto pesquisado, reconstruindo-as com suas próprias palavras. A citação indireta não deve consistir numa apropriação das palavras de outro autor, mas numa reconstrução original da idéia do texto consultado. Ressalva-se que neste caso, também é necessário que se indique a referência bibliográfica simplificada (autor, ano e página) para que o leitor saiba de onde foi tirada a idéia representada (RAUBER; SOARES; FÁVERO et al., 2002, p. 51).

Citação de citação: às vezes não é possível acessar o texto original de uma citação, então se faz a citação de citação, usando a expressão *apud* (citado por). Por exemplo: ... (RIDD, 2000 *apud* WELKER, 2003, p. 149).

Citação em língua estrangeira: Rauber; Soares; Fávero et al. (2002, p. 55), apresentam os seguintes comentários referentes a este assunto:

Sobre citações diretas em língua estrangeira a NBR 10520 não faz menções, mas sugere que seja facultativa sua apresentação na língua original ou traduzida. Se a citação foi apresentada na língua original, a tradução do texto citado deve aparecer em nota de rodapé. Se o pesquisador traduziu o texto, ao pé da página deve constar o texto no idioma original. O texto estrangeiro deve ser apresentado sempre com *itálico*. As palavras estrangeiras que aparecem no decorrer [...] [do texto] devem ser *grifadas em itálico* [...].

Supressão e acréscimo em citações. A supressão deve ser indicada por [...]. O acréscimo deve ser indicado por [palavra]. Como exemplo, ver a citação direta no item anterior.

Notas explicativas: devem ser enumeradas continuamente ao longo do texto, no rodapé das páginas, fonte 10, entrelinha simples, separadas do texto por uma linha.

Referências devem ser digitadas em espaço entrelinha simples, com entrelinha simples separando as referências, e alinhadas à margem esquerda. As regras de formatação seguem as normas da ABNT. Seguem exemplos de tipos de referências que contemplam diversas variáveis: obra publicada por um autor ou em autoria compartilhada, autoria institucional, artigo, capítulo de livro, como apresentar um título e seu subtítulo,

algumas abreviações utilizadas tipicamente em referências – Editor (Ed.), Organizador (Org.), Coordenador (Coord.), Compilador (Comp.) ou outros –, a questão das línguas de publicação, as traduções, dissertações e teses, publicações em periódicos, jornais etc.:

GILE, Daniel. *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HATIM, Basil; MASON, Iam. *The translator as communicator*. London: Routledge, 1997.

PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. *Traduzir com autonomia*. São Paulo: Contexto, 2000.

RAUBER, Jaime José; SOARES, Marcio (Coord.); FÁVERO, Altair Alberto et al. *Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas*. 2. ed. rev. e ampl. Passo Fundo, RS: Universidade de passo Fundo, 2002.

BAKER, Mona (Ed.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. London: Routledge, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ROBINSON, Douglas. *Becoming a translator: an accelerated course*. New York. Routledge, 1997.

BASSNETT, Susan. *Translation studies*. rev. ed. London: Routledge, 1991.

SNELL-HORNBY, Mary. Communicating in the global village: on language, translation and cultural identity. In: SCHÄFFNER, Christina (Ed.). *Translation in the global village*. Clevedon: Multilingual Matters, 2000.

OLIVEIRA, Alessandra Ramos. *A equivalência ilusória: reflexões sobre o ensino de tradução jurídica*. Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

STREHLER, René G. Aspectos tradicionais de unidades fraseológicas. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, ano 2, n. 2, p. 139-148, dez. 2003.

SQUARISI, Dad. Dicas de português. *Correio Braziliense*, Brasília, 12 dez. 2004. Caderno C, Cultura, p. 4.

- Documento acessível via computador, E-mail, CD-ROM:

NOGUEIRA, Daniel. Into English. *Translation Journal*. v. 4, n. 4, out. 2000. Disponível em: <<http://www accurapid.com/journal/>>. Acesso em: 16 dez. 2004.

RIDD, Mark. *Sugestão para as datas das bancas*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bellsantos@hotmail.com> em 15 dez. 2004.

MICROSOFT Encarta 98 Encyclopedia for Windows 95. [S.l.]: Microsoft Corporation, 1998. 1 CD-ROM.

- Tradução do original, tradução de tradução

ROBINSON, Douglas. *Construindo o tradutor*. Tradução de Jussara Simões. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 2002.

SAADI. *O jardim das rosas*. Tradução de: Aurélio Buarque de Holanda. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001. Versão francesa de Franz Toussaint. Original em árabe.

JONES, Alexander (Ed.). *The Jerusalem Bible*. London: Doubleday, 1966. Versão francesa de École Biblique de Jerusalém. Original em grego e hebraico.

- Outras normas

Se a publicação não tiver a data, proceder da seguinte forma:

[1980] data certa, não indicada

[1980?] data provável

[1980 ou 1981] um ano ou outro

[ca. 1980] data aproximada

[198-] década certa

[198-?] década provável

[19--] século certo

[19--?] século provável

[entre 1975 e 1983] use intervalos menores de 20 anos

Se houver repetição de autor ou entidade na lista de referências, a repetição é substituída por uma linha de seis espaços.

9.5 Considerações finais

O projeto final é um trabalho extenso de tradução e de pesquisa acima da atividade tradutória que foi desenvolvida. É um estudo que deve ser realizado anteriormente, durante parte da formação acadêmica: leituras prévias, análise de traduções e de críticas de traduções, consultas prévias de repertórios etc. Esse trabalho é desenvolvido nas disciplinas de tradução ao longo de todo o percurso de formação do futuro tradutor, que deve construir seu arcabouço teórico individualmente, sua trajetória pessoal que será sempre um caminho único até o ato da tradução.

Referências

- ANDRADE, M. *Macunaíma*. São Paulo: Eugênio Cupolo, 1928.
- BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne* (Oeuvre posthume). [S.l.]: Gallimard, Bibliothèque des idées, 1995.
- ECO, U. *Os limites da Interpretação*. 2. ed. São Paulo Perspectiva, 2004.
- GALISSON, R.; COSTE, D. *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachette, 1976. p. 559.
- GENETTE, G. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: 1982, p. 10. (Editions du Seuil. Collection Essais).
- MESCHONNIC, H. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999.
- ROSA, G. J. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- STREHLER, R.; GOROVITZ, S. *Manual do RepLET: acompanhado de elementos de lexicologia e de terminologia*. Brasília, Thesaurus, 2011.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 1995.

A obra que ora apresentamos, *A tradução na sala de aula: ensaios de teoria e prática de tradução*, é resultado da experiência em salas de aula do Curso de Bacharelado em Letras-Tradução, situado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução/Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, cujo percurso acadêmico perfaz trinta e um anos. Essa rica experiência na formação profissional de tradutores, em um dos cursos pioneiros do Brasil neste campo, serve-nos de referência e embasamento para as *lições* que aqui descrevemos. Falamos em *lições* e *sala de aula*, palavras cujos conceitos foram amplamente estendidos graças às novas tecnologias de comunicação ligadas ao ensino, porque este se quer um manual para o aluno dos cursos de graduação que procura estratégias de abordagens de textos que o preparem para o exercício da tradução, e também pistas para a análise crítica da obra traduzida. Contudo, não se trata apenas disso. O estudante de línguas e literaturas estrangeiras modernas, ou aluno de Letras de um modo geral, ou ainda o aprendiz ou profissional de tradução poderão aqui encontrar alguns caminhos metodológicos para acercarem-se das questões envolvendo a prática e a crítica tradutórias, nos mais diversos âmbitos.

